

# Undokai: a construção da identidade étnico-cultural em torno da niponicidade.

AUREO DE JESUS

SATO\*

**RESUMO:** Com a vinda dos imigrantes japoneses ao Brasil em 1908, instaurou-se a festa undokai, uma comemoração que a princípio celebrava o aniversário do imperador. Todavia, a confraternização comunitária tinha como pressuposto a integração da comunidade e perpetuação dos valores simbólicos nipônicos. Ao comemorar anualmente esta festividade em diferentes regiões e municípios dentro da sociedade brasileira, acaba por edificar uma identidade étnica-cultural em torno do conceito de niponicidade, que cria a suposta idéia de origem, trajetória e destino aos sujeitos que compartilham destas produções festivas, bem como, demarca o limite de fronteira identitária diante de outros grupos sociais.

**ABSTRACT:** The Japanese immigration coming to Brazil in 1908 the undokai party was established, a commemoration that at first celebrated the Emperor's birthday. However, the community confraternization had the prerequisite idea of community integration and perpetuation of the symbolic Japanese values. The annual celebration of this festivity in different regions and cities in the Brazilian society ends up edifying a cultural-ethnic identity around the Nippon concept that generates the supposed idea of origin, trajectory and destiny to those subjects who share these festivities production as well as it delimitates the boundaries of identity towards other social groups.

**PALAVRAS-CHAVE:** imigrante, festa, comemoração, identidade, niponicidade.

## A INVENÇÃO UNDOKAI

Com a chegada do vapor Kasato Maru ao porto de Santos em 1908, a comunidade japonesa se fez partícipe efetivamente no construto social de Brasil. Antes mesmo de desembarcar em terra firme, algumas atividades recreativas eram realizadas pelos imigrantes a bordo do navio. A partir da fixação dos japoneses nas fazendas do interior paulista, a realização da gincana undokai<sup>1</sup> tornou-se um referencial comemorativo para sociabilizar/integrar nipônicos e os descendentes nikkeis<sup>2</sup>, bem como na identificação identitária dos membros com a festa. Embora haja momentos

---

\* Mestrando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

<sup>1</sup> Conforme o dicionário de japonês-português de Noemia Hinata, o termo undoo-kai tem o sentido de recreação esportiva, gincana e encontro atlético.

<sup>2</sup> De acordo com o dicionário citado anteriormente, o vocábulo nikkei é um abreviativo de nikkei-jin, ou seja, pessoa de origem japonesa.

lúdicos de confraternização, perpetua-se sobretudo uma “tradição” étnico-cultural em torno da imagem de “niponicidade”. Essa continuidade festiva ao longo do tempo pressupõe em uma “tradição inventada”, segundo Hobsbawm (1997:9) afirma:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.

A legitimação de um “conjunto” de práticas sociais valorizam diversos aspectos identitários do povo nipônico, tal qual o uso da língua materna, a escrita de caracteres ideográficos, a presença da gastronomia do país de origem e outros acessórios que lembrem de alguma forma a comunidade na qual se convivia. Desta união de “coisas e lembranças”, o passado é rememorável, que insere em um nostálgico jogo de representações de signos. O clube em que se organizam as atividades atrai para si o significativo, pois é a partir dali que são canalizados os significados para aqueles que o frequentam, obstante, cria-se concomitantemente a demarcação de fronteira física e simbólica para outros grupos étnico-culturais. Michel de Certeau (1994:201) define que: “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”. Nesta lógica, o clube serve como o lugar de encontro para o exercício de sociabilização. Portanto, mais que simples espaço de diversão, o lugar designa um referencial, no qual se produz sentidos simbólicos que inculcam certas peculiaridades culturais que diferenciam o nós diante dos outros. Certeau (1982:93) também menciona que:

Um grupo, sabe-se, não pode exprimir o que tem diante de si – o que ainda falta – senão por uma redistribuição do seu passado. Também a história é sempre ambivalente: o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de dar lugar a um futuro.

Pressupõe-se que em toda construção simbólica, haja a intenção de demarcar “territorialidade”, isto é, a distinção de elementos culturais que faz cada sujeito peculiarmente inserido de signos compartilhados por um determinado grupo. Desse modo, a comunidade nikkei apropria-se das “tradições nipônicas” e perpetua-se em

reproduzir nos diversos clubes existentes no país, os quais têm como referencial a etnicidade-cultural japonesa. Poutignat e Streiff-Fenart (1998:27) apontam que:

De acordo com alguns pesquisadores, a etnicidade é um fenômeno universalmente presente na época moderna, precisamente por tratar-se de um produto do desenvolvimento econômico, da expansão industrial capitalista e da formação e do desenvolvimento dos Estados-nações.

E, ambos mencionam que (1998:37): “O que distingue a pertença racial da pertença étnica é que a primeira é “realmente” fundada na comunidade de origem, ao passo que o que funda o grupo étnico é a crença subjetiva na comunidade de origem”. Para Weber (1999:270):

A “comunhão étnica” distingue-se da “comunidade de clã” pelo fato de aquela ser apenas produto de um “sentimento de comunidade” e não uma “comunidade” verdadeira, como o clã, a cuja essência pertence uma efetiva ação comunitária.

A continuidade das comemorações acontecem anualmente nas escolas japonesas e são realizadas no outono, entre setembro a novembro. Essas repetições ressaltam a idéia de uma origem, conforme Handa (1987:244) descreve: “Na época da “Era Taisho”<sup>3</sup> o aniversário do imperador era comemorado, no Japão, numa data diferente da de seu nascimento: 31 de agosto era o dia do seu aniversário, mas a comemoração tinha lugar em 31 de outubro”. A mudança de data ocorreu porque no mês de agosto é verão e apresenta intenso calor. E o autor conclui: “Durante um longo festejo não se pode ter certeza de que alguém não se sinta mal, e foi pensando nisso que se escolheu 31 de outubro como dia das festividades, quando o clima é mais ameno”.

Aqui no Brasil, apesar dos clubes japoneses estarem espalhados em diversas regiões e municípios, a festividade geralmente tem sido realizada no mês de maio, e nessa prática social, o undokai revigora uma pré-narratividade cultural nipônica, do qual, propositalmente faz da festa um ritual de perpetuação dos supostos signos de outrora. Pois desde a fixação dos primeiros colonos em terra paulista, esta tem sido uma das mais importantes comemorações. Handa (1987:245) conta que:

---

<sup>3</sup> Período que iniciou em 1912 e foi até 1925 do século XX. Taisho era filho do Imperador Meiji, e neste período compreendido, houve a I Guerra Mundial e o terremoto (1923) que causou uma destruição de grande proporção em Tóquio.

A fundação do núcleo ainda não era comemorada. Os festejos do ano-novo eram pura e simplesmente diversão, mas nos festejos de aniversário do imperador havia um clima solene de cerimônia, o que não dispensava os comes e bebes.

Mesmo sendo de diferentes procedências regionais<sup>4</sup>, havia no imaginário dos imigrantes japoneses, certa crença e consenso na idéia de uma origem étnica, que eram compartilhados e assimilados por uma grande parcela do grupo. Muitos dos imigrantes que vieram ao Brasil em busca da “árvore de dinheiro” acreditavam que, em pouco tempo de trabalho na lavoura cafeeira, conseguiriam acumular um capital razoável de dinheiro e voltar ao Japão. O desejo de retornar às terras de origem encontra paralelos em várias culturas e povos; cuja comunidade acredita estar temporariamente em transição no país receptor. Do modo que Benedict Anderson (2008:15) faz menção: “As comunidades não devem ser distinguidas por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas”.

Ao repetir a festa a cada ano, o sentido simbólico e o tempo complementam-se, metaforicamente ao triplo presente agostiniano: o presente do futuro, no sentido de fazê-lo novamente; o presente do passado, em torno do memorial de continuidade, e, ao presente do presente que Ricoeur (2010:106) alude: “Agora faço isso porque agora posso fazê-lo: o presente efetivo do fazer atesta o presente potencial da capacidade de fazer e se constitui em presente do presente”.

O sujeito ao vivenciar a expectativa no constante vir a acontecer, converge à sensação de tempo em suspensão, que reciprocamente entrelaça memória e história. Pierre Nora (1993:13) menciona que: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações,... porque essas operações não são naturais”. Neste amalgamento da historização da memória, Nora (1993:18-19) diz que:

Para a história memória de antigamente, a verdadeira percepção do passado consistia em considerar que ele não era verdadeiramente passado. Um esforço de lembrança poderia ressuscitá-lo; o presente tornando-se, ele

---

<sup>4</sup> Conforme a obra de Tomoo Handa, dos 773 imigrantes que desembarcaram em Santos, no ano de 1908. Havia famílias procedentes de: Okinawa, Fukushima, Kagoshima, Kochi, Niigata, Hiroshima, Miyagi e Tóquio.

próprio, a sua maneira, uma passado reconduzido, atualizado, conjurado enquanto presente por essa solda e por essa ancoragem.

No entanto, cabe salientar que a sujeição hierárquica auferida por Nora entre memória e história, direcionam a uma asfixiante prisão semântica. E neste sentido, não se deve perder de vista que a busca primordial de sentido é a representatividade ontológica da festa, segundo prerrogativa que Ricoeur (2007:403) faz:

Portanto, não é uma aporia paralisante que deve desembocar o debate incessantemente retomado entre as pretensões rivais da história e da memória de cobrir a totalidade do campo aberto, por trás do presente, pela representação do passado.

Para tanto, memória-história e história-memória dialogam hibridamente, os quais entrecruzam entre si as narrativas diligentemente construídas, a fim de representar historicamente o passado vivenciado. Halbwachs (2004:38-39) ao debruçar sobre a temática de memória coletiva, descreve que:

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Dessa maneira, a memória reforça o contínuo lembrar, que confere para o sujeito e ao grupo que produz a festividade, a edificação de historicidade ao longo do tempo. Portanto, o recorte deste processo comemorativo parte da perspectiva do campo historiográfico, na qual objetiva-se compreender um pouco mais sobre as festas undokais e a “busca de sentido” para sua permanente realização no tempo presente.

## **NIPONICIDADE**

Com o triunfo das revoluções burguesas do século XVIII - Francesa e Industrial - houve uma intensa construção epistemológica em torno do nacionalismo, na qual, cada Estado intencionava identificar o sujeito com a pátria. No Japão, desde a forçada

abertura dos portos para o comércio mundial, intensificara as mudanças estruturais para que o país pudesse assemelhar aos modelos das nações mais prósperas. Bresser-Pereira (2010) aborda esse episódio assim:

No caso da revolução capitalista japonesa, chegamos ao limite do processo de *estatização provisória*. Depois da humilhação nacional representada pela abertura dos portos japoneses por imposição dos Estados Unidos, que ameaçou bombardear Tóquio com sua esquadra em 1854, houve a restauração Meiji (1867), que substituiu o domínio secular da dinastia Tokugawa. Sob a nova dinastia, o Estado japonês promoveu diretamente, como o faziam depois a União Soviética e a China, a industrialização do país. O processo, entretanto, não era movido por um projeto socialista, mas simplesmente nacionalista. Foi dessa forma, e com a transformação dos samurais em burocratas e empresários, que a nova dinastia promoveu a modernização do Japão - a introdução no país das tecnologias e das instituições capitalistas que haviam possibilitado aos Estados Unidos e à esquadra de navios negros do comodoro Mathew Perry humilhar o Japão. Entretanto, seguindo à risca a lógica de imitar as instituições ocidentais para poder competir com elas, entre 1908 e 1910 o Estado japonês não teve dúvida em promover a privatização maciça da indústria japonesa.

E na restauração Meiji<sup>5</sup>, ocorreu o rápido processo de “ocidentalização”, no qual diversos valores culturais da Europa e EUA redefiniram o curso político-econômico da sociedade nipônica. Pois, a industrialização modificou drasticamente o perfil social se comparado ao período do xogunato<sup>6</sup>, e, em poucos anos, o país tornou-se um concorrente direto às nações européias e norte-americanas. Destarte, a apropriação do conceito de nacionalismo foi incorporado de modo sistemático pela classe militar e também por simpatizantes da população civil. A partir disso, o Japão exerceu uma acentuada política-expansionista, efetivada em ações intervencionistas. Na Era Meiji, o país travou guerras territoriais contra a China (1895), e, contra a Rússia (1905); além da invasão e ocupação do território coreano, em 1910. Nesse panorama histórico, o historiador Hobsbawm (1998:212) diz que:

“A Nação” era a nova religião cívica dos Estados. Oferecia um elemento de agregação que ligava todos os cidadãos ao Estado, um modo de trazer o Estado-nação diretamente a cada um dos cidadãos e um contrapeso aos que

---

<sup>5</sup> O período Meiji é compreendido entre 1868 a 1911. A restauração Meiji, refere-se diretamente ao processo político de ocidentalização feito por iniciativa do próprio Imperador Meiji, cujos tratados influenciaram diretamente para a transição do Japão feudal para o Japão moderno, o qual ficou marcado pelo rápido processo de industrialização; criação do Banco do Japão e a criação da primeira Constituição.

<sup>6</sup> Forma de governo que iniciou no século XII e estendeu até o século XIX. O xógun exercia a liderança militar, política e judiciária. Este período ficou conhecido como o “feudalismo japonês”.

apelavam para outras lealdades acima da lealdade ao Estado – para a religião, para a nacionalidade ou etnia não identificadas com o Estado, e talvez, acima de tudo, para a classe.

A transição para a urbanidade atraiu diversas pessoas que viviam em áreas rurais aos grandes centros, conseqüentemente, houve o excedente populacional nas recentes cidades modernizadas do Japão. Para solucionar o problema de densidade demográfica, o governo favoreceu a saída das pessoas do país, e assim, na primeira década do século XX, deu-se o início ao processo imigratório dos japoneses para o Brasil. E nesse fluxo migratório, muitos dos valores simbólicos apregoados pelo estado japonês estavam implicitamente arraigados no “comportamento” das pessoas. A demonstração afetiva ao estado-nação estava presente de forma visível na vinda dos primeiros imigrantes; Handa (1987:5) menciona que: “Alguns homens foram soldados na última guerra (russo-japonesa) e traziam ao peito as suas condecorações”. E dentre o grupo “Um deles trazia trez medalhas, uma das quaes de ouro, por actos de heroismo. Muitos traziam bandeiras pequenas de seda, numa pequenina haste de bambu pintado e lança de metal amarello”. Conforme o autor descreve, as bandeiras do Japão e do Brasil foram feitas de seda e trazidas para demonstração de amabilidade.

No período do governo Vargas, ao narrar acerca dos conflitos vivenciados pelos japoneses residentes no Brasil e sobre as estratégias usadas para a manutenção grupal, o jornalista Fernando Morais (2000:49) relatou que, de todas as proibições impostas pela polícia varguista, “a única que eles resolveram burlar foi o aprendizado do Yamatodamashii - a doutrina do “espírito nipônico” e do “modo de vida japonês”. Essa expectativa comportamental atribuída aos japoneses, no interior da própria comunidade, confere categoricamente aos descendentes nikkeis um pseudo-pertencimento, pois essa caracterização é feita a princípio porque muitos nipo-brasileiros assemelham em aspectos bio-físicos, sem contudo, haver necessariamente o compartilhamento dos diversos símbolos culturais. Constatase isso porque em fins do século XX, muitos nipo-brasileiros (dekasseguis) foram ao Japão e vivenciaram a expectativa de que seriam recepcionados pelos japoneses como seus pares. Entretanto, Lesser (2001:297) descreve a experiência de um professor universitário de 37 anos, em relação a sua experiência e frustração:

No Brasil eu sou estrangeiro. Apesar de gostar do Brasil, eu sinto que eu não tenho nacionalidade e me sinto como um cigano. Eu quero me tornar um brasileiro perfeito, mas isso é impossível. Mas no Japão, eu me sinto como estrangeiro, também.

Os descendentes nikkeis ao constatarem que também eram “gaijins” (estrangeiros), aos olhos dos japoneses, se viram numa encruzilhada, isto é, “não lugar”; japoneses no Brasil e estrangeiros no Japão. Desse modo, os dekasseguis estrategicamente configuram e reconfiguram a “negociação da identidade” conforme a sociedade em que estão inseridos. Percebe-se essa leitura porque no Japão, em semelhança a produção da festa undokai realizada aqui, comemora-se o carnaval. Em cuja festa há uma grande participação da comunidade nipo-brasileira, direcionados em torno da idéia de “brasilidade” e, por conseguinte, na demonstração de “ser brasileiro” diante dos nacionais (japoneses) e de outros grupos étnico-culturais presentes na sociedade nipônica.

Entretanto, analisar as comemorações cíclicas em torno da festa undokai, confere também o sentido de poder diante de outros grupos culturais. Esse constante embate configura-se na “visão de unidade”, ou naquilo que Bourdieu (1989:117) afirmou:

O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comum, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade.

Essa relação associativa de sujeito-grupo/grupo-sujeito direciona ao imaginário de pertencimento, que Bronislaw Baczko (1985:309) descreveu:

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns;...Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma 'ordem', em que cada elemento encontra o seu 'lugar', sua identidade e sua razão de ser.

Nessas constantes comemorações dos festejos, o engajamento comunitário acentua-se na comunidade nipônica, que de modo lúdico e corporativo configura-se na produção de memória por meio da festa, envolvido supostamente em triviais brincadeiras esportivas-culturais. Ao fazer a festa todos os anos, o ciclo ritualístico

acaba por produzir em uma constante mimesi, conforme Ricouer menciona da representatividade Aristotélica: o sujeito ao representar, acaba por criar novamente, diferente do que ocorreu anteriormente. Enfim, o termo niponicidade refere-se ao imaginário de construto cultural que direciona supostamente à idéia do “ser japonês”, sobretudo na edificação discursiva de um passado em comum, de mesma origem étnica, simbólica e cultural que devem ser compartilhados e perpetuados pela comunidade.

## **O PRESSUPOSTO DE CONTINUIDADE ÉTNICO-CULTURAL**

As atividades físicas presentes na gincana (corrida individual, corrida em equipe, cabo de guerra, salto em distância,...) extrapolam o espírito de competitividade, no qual, preconiza-se não o vencer, mas fazer com que o sujeito sociabilize-se junto aos demais. Nessa lógica, os encontros possibilitam a interação de distintas gerações, seja com atividades físicas para os idosos, outras aos jovens e àquelas direcionadas às crianças. Essa constatação dá-se, porque diferente das competições formais, nas quais, privilegiam-se os vencedores, as disputas esportivas do undokai premiam também os vencidos. Assim ganhadores e perdedores são agraciados com alimentos, objetos escolares e outros acessórios que contemplem a sua presença e participação.

Nos encontros da comunidade nikkei, o lanche/almoço é supostamente similar a da gastronomia japonesa. A confecção de bolinhos de arroz branco (oniguiris); conservas de legumes (tsukemôno); vegetais ou crustáceos empanados (tempurás) e outros alimentos típicos da culinária nipônica estão presentes nestas ocasiões. Handa (1987:246) narra os momentos festivos dos primeiros imigrantes desse modo:

O pessoal do núcleo vinha assistir à gincana trazendo lanches e bebidas. Os mais íntimos se reuniam em grupos sobre o gramado e faziam trocas de iguarias. Era uma época em que não havia barraquinhas de comida e todos faziam pratos mais ou menos parecidos, como o arroz vermelho com feijão japonês azuki, o sushi...Se houvesse conserva japonesa de peixe do rio, era uma festa...

Nesse sentido, mais que uma gincana casual, tais processos reprodutivos traz à memória as recordações da ancestralidade imaginada, os quais usam do paladar, odor e visual para legitimar a pretensa autenticidade étnico-cultural. Além de que, a repetição

cíclica do evento festivo reconfigura-se na produção memorial, cujo ritual de alimentar-se junto aos outros 'semelhantes' remete às lembranças de um suposto passado em comum, e, concomitantemente confere uma intimidade familiar. Stuart Hall (2005:50) descreveu assim:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

O processo de construção identitária em torno da niponicidade, busca edificar sentidos, no qual há um trabalho contínuo que agrega japoneses e seus descendentes, a fim de realizar e demarcar socialmente as manifestações culturais através da festividade. Assim, todo esforço físico e mental da comunidade remete para a concretização de patrimônio imaterial, que sistematicamente acaba por incorporar nesses encontros anuais o sujeito enquanto indivíduo que se insere ao coletivo, por meio das experiências compartilhadas. Bosi (1998:55) diz que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual.

Desde a chegada dos japoneses ao Brasil, a vigilância e repressão a festa ocorreu somente no período de conflito da II Grande Guerra, na qual, as pessoas de origem japonesa ficaram a mercê da fiscalização governamental. Naquela primeira metade do século XX, o Estado brasileiro e as forças do Eixo (Japão, Itália e Alemanha) estiveram de lados opostos. E, o governo Vargas aumentou consideravelmente a vigilância aos indivíduos e grupos que supostamente mantinham relações com as “nações inimigas”. Existia o discurso de “perigo amarelo”, em relação aos japoneses, difundido sobretudo pelos detratores propagandistas. Moraes (2000:45-51) menciona que: “O rompimento de relações entre o Brasil e o Japão transformou a vida da colônia em um inferno”, e:

Não se podia mais realizar o undokai, a gincana oriental, nem disputar partidas de kendô, a arte da esgrima japonesa. Restava apenas o hanafuda, popular jogo de cartas para casais em que os parceiros devem jogar sem abrir a boca, silenciosamente.

Após o fim da Guerra, os encontros sociais para a gincana aconteceram normalmente, isto é, sem uma constante fiscalização por parte da polícia. Ao longo dos anos, a festa tem sido usada como referencial cultural, embora, a dimensão do conceito de identidade tem sido hibridizada com as múltiplas culturas existentes. Nesse sentido, para angariar mais participantes, a propaganda enfoca à sociabilização comunitária, indiferente a origem étnico-cultural. Assim, a mídia estendeu o convite com inúmeras características simbólicas, dentre as quais, mencionamos a seguir: a todos grupos “raciais”; uso de cores que representam as bandeiras do Japão e do Brasil; colocação de expressões japonesas em textos escritos em língua portuguesa; a imagem de lanternas japonesas; fotografia do príncipe e princesa do Japão; a foto do navio Kasato Maru; escrita com caracteres ideográficos – kanji; anúncio de outras atividades culturais para melhor interação, etc...

Após o evento, os anúncios destacaram a ajuda da prefeitura e o êxito da festa, “mesmo com o tempo nublado e chuvoso”. Por fim, nota-se uma representação discursiva que denota a idéia de uma continuidade, pois muitas escritas destacavam os anos de comemoração que seria neste ano de 2011, todavia, mesmo com a mescla étnico-cultural da gastronomia, cores e outros signos, privilegia-se o evento em torno da imagem da tradição japonesa.

## **FONTES:**

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática. 1989.

\_\_\_\_\_. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. ROMANO, Rugiero. Enciclopédia Einaudi v. 5 - Anthropos - Homem. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação** (elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região). In BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa e Rio de Janeiro: DIFEL e Bertrand, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRESSER-PEPEIRA, Luiz Carlos. A dupla conversão: do ideal socialista ao estatismo e deste ao capitalismo. **Rev. USP**, São Paulo, n. 84, fev. 2010. Disponível em: [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-99892010000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892010000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29/05/2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** (artes de fazer). Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. A operação historiográfica. In: -. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. [ed. Orig.: 1975]

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** – São Paulo: Centauro, 2004

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HANDA, Tomoo. **O imigrante Japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: Ed. T. A Queiroz e Centro de Estudos Nipo-brasileiro, 1987.

HINATA, Noemia. **Dicionário Japonês-Português Romanizado**. São Paulo: Ed. Casa Ono, 1986.

HOBBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

LESSER, Jeff. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil** – São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

MORAIS, Fernando. **Corações sujos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993.

**O que é um undokai**. Disponível em: <http://www.uchina.com.br/noticia.asp?id=614>. Acesso em: 20/03/2011.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart. São Paulo. Fundação: Editora da UNESP, 1998.

REVISTA: **Japão a terra do sol nascente**, São Paulo, n.1, p.12-19, s/d.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. In: \_\_\_\_\_ **Tempo e Narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. V. 1. São Paulo: Ed. WMF, Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. História e Tempo. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp. 2007.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Ed. Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

Disponível em:

- <http://www.jornalnnet.com.br/noticias/2442/colonia-japonesa-realiza-undokai-em-itapecerica>
- <http://escola-de-lingua-japonesa-atibaia.blogspot.com/2011/05/59-gincana-poliesportiva.html>
- <http://japancultpopbr.blogspot.com/2011/04/undoukai-gincana-japonesa.html>
- <http://www.colegiomirassol.com.br/?p=4602>
- <http://www.adjorisc.com.br/jornais/asemana/regi-o/46-undokai-sera-em-1-de-maio-1.447922>
- <http://www.redebomdia.com.br/Noticias/Dia-a-dia/52615/Undokai+sessentona!>
- [http://www.nipobauru.com.br/noticias/detalhe\\_noticia.php?id=44](http://www.nipobauru.com.br/noticias/detalhe_noticia.php?id=44)
- <http://blog.bkcsom.com.br/2011/05/undokai-alianca-cultural/>

Acessado em: 29/05/2011.